

CONCILIAÇÃO PEDAGÓGICA: SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO NA ATUALIDADE.

Prof. Dr. Luís Fernando Ferreira de Araújo - SENAC/SP

Profa. Me. Rosineia Oliveira dos Santos FMU-UNISA/SP

Prof. Dr. Jerley Pereira da Silva

Prof. Me. Tereza Elisabete Imperiale

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo entender como ocorre a mediação pedagógica que sai da escola e adentra a sociedade do conhecimento em que vivemos e qual sua relação com o ensino aprendizagem do aluno. Nossa justificativa é de que a atual sociedade do conhecimento é formada por vários aspectos, entre eles o prático (práxis) e intelectual. Procuramos por uma metodologia baseada em livros de Paulo Freire, revistas e artigos que relacionem a temática da mediação pedagógica e sociedade do conhecimento, mas também identificar que essa abordagem não é recente, mas abordada por Freire (1968-1985-1996) em vários anos e de forma interdisciplinar. Na atualidade formam-se grupos de discussões pelas redes sociais (facebook, twitter e Instagram) redes cada vez mais numerosas e com mais adeptos. Portanto, o objetivo central dessa expansão da informação e com a agilidade que hoje é disponibilizada é que construímos uma sociedade mais pensante. Como problema surgiu a indagação como a mediação pedagógica poderá desenvolver um trabalho educacional voltado para essas novas tecnologias nessa sociedade do conhecimento? Como escola, professores, sociedade e alunos poderão desenvolver técnicas para construir um conhecimento de base para os que virão? A escola deve funcionar como instrumento da sociedade, conduzindo não só a aprendizagem, mas também do saber comportar-se. Dessa forma, a educação não será mecanicamente reprodutivista e sim reprodutora, ocupando cada vez mais questões sobre as carências da sociedade e ampliando suas responsabilidades para além do ensino acadêmico nos termos da LDB de 1996.

Palavras-chave: Mediação pedagógica, sociedade do conhecimento, ensino aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to understand how the pedagogical mediation that goes out of school and into the knowledge society in which we live and what is its relationship with the teaching and learning of students. Our justification is that the present knowledge society is formed by several aspects, including the practical (praxis) and intellectual. We look for a methodology based on books by Paulo Freire, magazines and articles that relate the theme of pedagogical mediation and knowledge society, but also to identify that this approach is not recent, but approached by Freire (1968-1985-1996) in several years. and in an interdisciplinary way. Nowadays discussion groups are being formed by social networks (facebook, twitter and Instagram), increasingly numerous networks and with more followers. Therefore, the central objective of this

information expansion and with the agility that is available today is that we build a more thinking society. As a problem, the question arose as to how pedagogical mediation can develop educational work focused on these new technologies in this knowledge society? How can schools, teachers, society and students develop techniques to build basic knowledge for those to come? The school must function as an instrument of society, conducting not only learning, but also knowing how to behave. Thus, education will not be mechanically reproductive but reproductive, occupying more and more questions about the needs of society and expanding its responsibilities beyond academic teaching under the 1996 LDB.

Keywords: Pedagogical mediation, knowledge society, teaching and learning.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo entender como ocorre a mediação pedagógica dentro de uma sociedade do conhecimento em que vivemos e qual sua relação com o ensino aprendizagem do aluno.

Nossa justificativa é de que a atual sociedade do conhecimento é formada por vários aspectos, entre eles o prático (práxis) e intelectual. Nesta sociedade, as informações obtidas são processadas rapidamente e a população cada vez mais tem que se adaptar as essas mudanças. Na atualidade formam-se grupos de discussões pelas redes sociais (facebook, twiter e Instagram) redes cada vez mais numerosas e com mais adeptos, veja na passagem de Freire (1996) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção (p. 22). Portanto, o objetivo central dessa expansão da informação dentro da sociedade do conhecimento é que com a agilidade que hoje é disponibilizado e processados construímos uma sociedade mais pensante.

A escola, neste sentido, tem o papel de colaborar para que essa nova abordagem, que é cada vez mais abrangente se torne acessível tanto para o professor quanto para o aluno. Desta forma, identificamos algumas pedagogias atrelada ao pensamento de Paulo Freire que foi tão pronunciada em seus vários livros, dentre eles Pedagogia do Oprimido (1968) Política e educação (1985) e Pedagogia da Autonomia (1996).

Nesta nova sociedade do conhecimento as mudanças e as inovações tecnológicas ocorrem em um ritmo tão acelerado, que além dos fatores tradicionais de produção, como capital, terra e trabalho, é fundamental identificar e gerir inteligentemente o conhecimento das pessoas, que Paulo Freire descreveu tão bem

em seu livro *Pedagogia da Autonomia*. Diante desta abordagem, procuramos uma ligação entre essa sociedade atual (2020) com a descrita pelo autor em (1996), mesmo diante de tão pouco tempo, podemos constatar a velocidade da informação e da disseminação com relação ao que podemos chamar de nova abordagem de ensino e aprendizagem, desde sua infância até a fase adulta.

Como problema surgiu a indagação como a mediação pedagógica poderá desenvolver um trabalho educacional voltado para essas novas tecnologias dentro desta sociedade do conhecimento? Como escola, professores, sociedade e alunos poderão desenvolver técnicas para construir um conhecimento de base para os que virão? No momento em que a sociedade da informação revoluciona o mundo, a escola não pode se omitir e deve mostrar a distinção entre informação e conhecimento, ou seja, informação é o fato e o conhecimento é a informação interpretada e processada. O professor transmite informação ao aluno e este aprende quando constrói o conhecimento interagindo no mundo com as pessoas e objetos.

Procuramos por uma metodologia baseada em livros de Paulo Freire, revistas e artigos que relacionem a temática da mediação pedagógica e sociedade do conhecimento, mas também identificar que essa abordagem não é recente, mas abordada por Freire (1968-1985-1996) em vários anos e de forma interdisciplinar.

1 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

A escola precisa de uma reformulação e se transformar em uma rede de ideias. Nesse processo de transformação, de passar de uma sociedade a outra, implica modificar o seu papel de mero transmissor de ideias, pois a escola vai cedendo o seu privilégio como detentora do saber para interagir com uma nova sociedade e com isso gerando também uma nova escola.

A escola deve desenvolver ensino de qualidade e ao mesmo tempo desencadear estudo sobre a construção de uma ciência comprometida e crítica com a realidade social. Ela deve encontrar as formas de cooperação com os diferentes segmentos em que se contextualiza, estabelecendo prioridades dentro do processo social e econômico da sociedade.

O processo educacional atual é questionado sabiamente. Primeiro porque nos leva a compreender que os sistemas anteriores promoviam a desigualdade social por não ser acessível a todos, depois porque não considerava a possibilidade das

diferenças culturais em suas implementações, ou seja, era nivelado, sem a possibilidade dos diversos contextos sociais.

A importante observação de que a educação não acompanhou o avanço da informação ou deixou de transformar suas metodologias, enquanto a tecnologia possibilitava um acesso incalculável de informações aos estudantes e sociedade em geral, antes dominadas apenas pelos educadores, tornou-se um dos fatores que geraram a crise no sistema educacional. A escola deve funcionar como instrumento da sociedade, conduzindo não só a aprendizagem do saber, mas também do saber comportar-se.

O século XXI exige que tenhamos uma escola comprometida com sua missão profética do devir, pois ela se encontra, constantemente, em processo de transformação frente à sociedade do conhecimento, uma vez que a globalização possibilita o acesso a tal dado gerará conhecimento em instantes neste aluno, cabe nesse sentido, o diálogo dentro das salas de aulas e o mediador pedagógico tem papel fundamental nesta fase, em que poderá buscar a informação, identificar seus vários aspectos funcionais e também criar mecanismos que possibilite o ensino aprendizagem para toda a sociedade. Portanto, o mediador na contemporaneidade, se preocupará com a realidade concreta e criando paradigmas interdisciplinares, unindo ensino, pesquisa, em um novo contexto da escola.

Dessa forma, a mediação pedagógica não será mecanicamente reprodutivista mas, produtora, ocupando cada vez mais as questões sobre as carências da sociedade e ampliando suas responsabilidades para além do ensino acadêmico. A estrutura organizacional do ensino no Brasil sempre privilegiou o domínio de conhecimento e experiências profissionais como único requisito para a docência, percebemos que essa afirmação não tem base teórica que a sustente.

Para que essa atual sociedade do conhecimento tenha consciência do impacto da nova revolução tecnológica que recai sobre a produção e socialização do conhecimento e na formação de profissionais cada vez mais conscientes é preciso mudanças nas questões já informados como: didática do professor em sala de aula, alterações no currículo educacional vigente, que debata e dialogue com as comunidades, para saber qual a real necessidade de uma política pedagógica dentro da escola e nesse sentido o professor tem papel transformador de pessoas.

Para Paulo Freire em seu livro: *Pedagogia da autonomia*, assim se expressou nas "Primeiras Palavras":

A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativa progressivista em favor da autonomia do ser dos educandos é a temática central em torno de que gira este texto. Temática a que se incorpora a análise de saberes fundamentais àquela prática e aos quais espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido. (FREIRE, 1997, p. 14).

Com esse impacto, a produção e divulgação do conhecimento gerou a necessidade de uma metodologia que priorize o diálogo entre educador e sociedade, e o papel do professor é de orientador das atividades que permitam ao aluno aprender bem como ser o incentivador do desenvolvimento de seus alunos perante o seu corpo social na sociedade.

Para Paulo Freire (1979, p. 38), “As sociedades latino-americanas começam a se inscrever neste processo de abertura, umas mais que outras, mas a educação ainda permanece vertical. O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita”. Neste sentido, altera-se o pensamento e a escrita e os diálogos em sala permanecem de depósito.

Atualmente, as escolas se concentram em passar somente aos estudantes informações. O professor precisa buscar para seus alunos conteúdos que consigam extrair liberdade, criatividade e um pensamento crítico da sociedade, desta forma, poderá sair da escola e construir um futuro mais autêntico do que só receber informação dentro da sala de aula.

Isso não deve significar, porém, que as diferenças de opções que marcam os distintos discursos devam afastar do diálogo os sujeitos que pensam e sonham diversamente. Segundo Paulo Freire (2001, p. 11)

Não há crescimento democrático fora da tolerância que, significando, substantivamente, a convivência entre dessemelhantes, não lhes nega, contudo, o direito de brigar por seus sonhos. O importante é que a pura diferença não seja razão de ser decisiva para que se rompa ou nem sequer se inicie um diálogo através do qual pensares diversos, sonhos opostos não possam concorrer para o crescimento dos diferentes, para o acrescentamento de saberes. Saberes do corpo inteiro dos dessemelhantes, saberes resultantes da aproximação metódica, rigorosa, ao objeto da curiosidade epistemológica dos sujeitos. Saberes de suas experiências feitos, saberes “molhados” de sentimentos, de emoção, de medos, de desejos.

O educador mediador não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade (FREIRE, 2002).

Portanto, continua Freire (2002), p. 14) “Percebe-se, assim, a importância do

papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Aí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador.

Por isso mesmo pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela “saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 2002, p.16). Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público é uma perspectiva objetiva para a nova escola que vivencia a tecnologia da informação, trazendo a sociedade para o debate na escola e com isso desenvolvendo projetos que unam - escola, comunidade e alunos.

2 A RELAÇÃO DA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO COM O ENSINO APRENDIZAGEM DO ALUNO

A escola é o campo de pesquisa para experiências democráticas e pluralistas na sociedade em que atua, transformando os objetivos e as metas em ações mais apropriadas para a aprendizagem. A escola tem nesse sentido, portanto, que consolidar o projeto pedagógico e ao mesmo tempo interagir a favor da autonomia dentro do processo de socialização, tornando a autonomia um vínculo para estimular o indivíduo na sociedade a novas parcerias, com a família e com os meios de comunicação.

Ser o ator fundamental no processo de criação não é tarefa para qualquer um e cabe ao educador assumir esse desafio, trazendo para sala de aula esse desafio tornando também o aluno parte da mudança estrutural que se quer, ou seja, construindo diálogos com as construções existentes na comunidade.

Paulo Freire (2001, p. 12) descreve bem esse sentimento de responsabilidade do mediador pedagógico.

Seria realmente impensável que um ser assim, “programado para aprender”, inacabado, mas consciente de seu inacabamento, por isso mesmo em permanente busca, indagador, curioso em torno de si e de si no e com o mundo e com os outros; porque histórico, preocupado sempre com o amanhã,

não se achasse, como condição necessária para estar sendo, inserido, ingênua ou criticamente, num incessante processo de formação. De formação, de educação que precisamente devido à invenção social da linguagem conceitua vai muito mais além do que o treinamento que se realiza entre os outros animais.

Grande parte dos alunos que as escolas públicas recebem são de famílias humildes e renda per capita abaixo de 1 salário mínimo do Brasil, com isso é gerado um déficit de recursos intelectuais, financeiros e culturais. Esse aluno idealiza a figura do professor, a vida acadêmica, a cultura, um mundo que ele desconhece e que pode lhe oferecer mais e apontar novos caminhos, como busca de ascensão educacional e profissional.

Neste sentido, Paulo Freire (1969) chama a atenção para uma educação como processo de desumanização, pois ao abordar essas questões, Freire aponta em que estamos vivenciando.

se falamos da humanização, do ser mais do homem - objetivo básico de sua busca permanente - reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambos, humanização e desumanização, são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação (...). Uma educação só é verdadeiramente humanista se, ao invés de reforçar os mitos com os quais se pretende manter o homem desumanizado, esforça-se no sentido da desocultação da realidade. Desocultação na qual o homem existencialize sua real vocação: a de transformar a realidade. Se, ao contrário, e educação enfatiza os mitos e desemboca no caminho da adaptação do homem à realidade, não pode esconder seu caráter desumanizador (...). A concepção humanista, que recusa os depósitos, a mera dissertação ou narração dos fragmentos isolados da realidade, realiza-se através de uma constante problematização do homem-mundo. Seu quefazer é problematizador, jamais dissertador ou depositador.

Deve - se utilizar essa imagem, esse poder que foi delegado ao professor e não o destruir com a falsa proposta de aproximar - se do aluno. Aproximar-se dele em primeiro lugar e em segundo enxergá-lo na sua real condição que não necessariamente coincide com a proposta educacional da instituição em que se encontra, nesse sentido, seja ela pública ou particular. Desta forma, haverá possibilidade de adaptação para que tenha acesso ao conhecimento que afinal ele veio buscar, sejam seus propósitos conscientes e lícitos dentro dos conceitos da educação ou não.

O processo pedagógico estabelecido visa desenvolver competências relacionadas à prática profissional. Na análise de Perrenoud (1997, p. 35)

Toda competência está, fundamentalmente, ligada a uma *prática social* de

certa complexidade. Não a um gesto dado, mas sim a um conjunto de gestos, posturas e palavras inscritos na prática que lhes confere sentidos e continuidade.

Decorre disso a necessidade de identificar a posição exata em que o aluno se encontra nessa sociedade do conhecimento e na sua vida pessoal para não idealizar e trabalhar com um suposto ser que na verdade não existe, o que fatalmente o conduzirá ao insucesso. A percepção da pessoa a quem o professor atende é passo de partida no traçado do caminho pedagógico mais adequado.

Conforme Meirieu (1998) é necessária à compreensão do “triângulo pedagógico” para criar situações de aprendizagem sem deixar-se atrair por nenhum dos três polos: educando-saber-educador. Para isso é importante que o educador tenha consciência do seu papel e da sua importância. O educador é também um cidadão inserido em seu meio social com ideias e conhecimentos já estruturados. Esse conhecimento e experiências prévias podem e devem ser utilizados para criar situações interessantes. Tanto o educador quanto o educando apresentam experiências de vida, conhecimentos anteriores. Além disso, os sentimentos de ambos podem ser persuadidos adequadamente para melhorar esse processo.

Meirieu (1998, p.80-81) ressalta ainda

Quem pode querer ignorar a *relação pedagógica*, este encontro entre pessoas vivas e cheias de desejos, este conjunto de fenômenos afetivos, de transferências e contratransferências, que estão sempre presentes na sala de aula? Não se pode escolher, por simples comodidade, a suspensão da afetividade: primeiro, porque essa decisão, é claro, seria ela própria uma escolha afetiva, alimentada, na maioria das vezes, pela preocupação consigo, pelo medo do outro ou pelo desejo estranho de melhor exercer seu poder camuflando a natureza do mesmo; depois, porque uma atividade cognitiva, ainda que perfeitamente teorizada, não pode ficar sem a energia do desejo que lhe dá vida e força; enfim, porque seria estúpido negar o aspecto determinante, na aprendizagem, dos fenômenos de identificação e de sedução. Sabe-se, de fato, que a vontade de seduzir anima qualquer educador, mesmo que ele quase não o confesse, mesmo anuncie o contrário, fingindo ignorar que a recusa de seduzir pode vir reforçar a sedução...

Como lidar com esses conceitos, sedução, conhecimento, poder e aprendizagem de forma adequada? Mantendo os objetivos e o foco no processo de aprendizagem, lidando de forma ética com essas relações delicadas. Não fugindo ao compromisso. Para isso o poder é emprestado ao professor apenas como mais uma estratégia de ensino.

Um professor tem a força nas suas considerações, nos seus exemplos e nas suas conclusões porque quem o ouve lhe empresta esse poder e espera uma

retribuição dessa concessão que seja a aquisição de um conteúdo, de um conhecimento.

Meirieu (1998, p.91) ressalta que no processo de aprendizagem como

O paradoxo do desejo deve-se, na verdade, ao fato de que o objeto desejado deve ser, ao mesmo tempo, conhecido e desconhecido, que é preciso adivinhar os seus contornos, entrever o seu segredo, mas ele deve permanecer escondido e o segredo não deve ser penetrado.

O fim desejável é que aquele pedaço de novidade atinja um alvo preparado para captá-lo como tal. E isso também pertence ao professor, é sua função cuidar desse preparo. A mediação pedagógica neste trabalho tem a intenção de intervir no processo de ensino e aprendizagem que visa à aprendizagem em busca do desenvolvimento do aluno. Por meio dessa mediação, o professor oferece elementos para a construção de uma prática pedagógica transformadora, voltada para o debate e construção dessa nova sociedade do conhecimento, contribuindo para a significação do processo ensino e aprendizagem.

Para Moran (2012, p.23)

O currículo precisa estar ligado à vida, ao cotidiano, fazer sentido, ter significado, ser contextualizado. O conhecimento acontece quando algo faz sentido, quando é experimentado, quando pode ser aplicado de alguma forma ou em algum momento.

Com isso, o currículo precisa ser reformulado com o dia a dia do aluno e dialogar com ele, para que sinta dentro da sala de aula um protagonista dentro de uma metodologia ativa.

O objetivo da aula é conquistar os alunos por meio da interatividade no exercício de ensino e aprendizagem, bem como apresentar um plano de trabalho que assegure mudanças na maneira de ensinar. Oferecer aos alunos entretenimento, informação e ensino, contribuindo para sua formação, sendo possível com a mediação do professor habilitado com suas atividades didático-pedagógicas em sala de aula.

Com a valorização das redes sociais, jornais, revistas, TV em sala de aula, já que estes recursos possibilitam uma interação e troca de conhecimento de forma mais veloz, amplia-se o leque de debates, pois comunicam realidades baseadas em conteúdo de interesses dos alunos, estimulando a consciência crítica. Ou seja, a estratégia é sair do ensino tradicional que é só o professor informando (educação bancária) para uma nova possibilidade de ensino, mais estimulante em que todos os atores participem no processo de criação e desenvolvimento do trabalho escolar ou

melhor, tecnológico e mais estimulantes.

Isto só será possível quando o professor-mediador tiver disposição para dialogar e propor mudanças para melhoria do ensino, então poderemos dizer que professor e aluno formarão uma excelente parceria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso artigo tivemos como principal objetivo entender como ocorre a mediação pedagógica dentro de uma sociedade do conhecimento em que vivemos e qual sua relação com o ensino aprendizagem do aluno. Para esse objetivo identificamos que o mediador escolar na atualidade tem papel importante nessa sociedade do conhecimento, pois fará o papel de diálogo e debate entre a escola e os alunos/comunidade.

Paulo Freire (2001, p.13) nos aponta mais um caminho

Por isso é que é importante afirmar que não basta reconhecer que a Cidade é educativa, independentemente de nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos.

Identificamos por estas palavras que para o professor ou qualquer outro agente transformador dentro da escola que a educação tem por finalidade a adaptação do indivíduo à sociedade e tem o papel fundamental de reforçar os laços sociais

A mediação pedagógica em seu debate com o público externo, assume autonomia, na medida em que se configura e mantém a conformação do corpo social, ou seja, em vez de receber interferências da sociedade, ela interfere de forma absoluta nos destinos de toda a comunidade que ela pertence.

A socialização dentro da escola é fundamental, pois a solidariedade está perdendo sua essência dentro da sociedade. Por tudo isso, o Estado, a Igreja e a família não estão dando conta dos valores; a globalização é mais forte e não está garantindo um desenvolvimento social sustentável. O desafio é construir cada

indivíduo com sua identidade complexa, colocando-o dentro de vários setores tais como: político, religioso, artístico, econômico, familiar etc., pertencendo a uma pluralidade e não apenas a um eixo que exclui e domina.

A escola deve funcionar como instrumento da sociedade, conduzindo não só a aprendizagem, mas também do saber comportar-se. Dessa forma, a educação não será mecanicamente reprodutivista e sim reprodutora, ocupando cada vez mais as questões sobre as carências da sociedade e ampliando suas responsabilidades para além do ensino acadêmico, nos termos da LDB de 1996.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BARBERO, Martín Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

BARBERO, Martín Jesús; REY, German. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Senac, 2001.

BARTHES, Roland. (Org.). **Análise da estrutura da narrativa**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRANDÃO, Helena Nagamine. (Org.). **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2000.

CROCHIK, José Leon. Educação para a resistência contra a barbárie. **Revista Educação**, v. 2, n. 10, p. 16-25, 2009.

FREIRE, Paulo, 1969. Papel da educação na humanização. Tradução de Carlos Souza. **Revista Paz e Terra**. Rio de Janeiro, out. 1969.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 92p (digitalizado).

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 37. ed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

IMBERNÓN, F. (org). **A educação no século XXI**: os desafios do futuro imediato. São Paulo: Artmed, 2000.

LÉVY, Pierre. **Tecnologias intelectuais e modos de conhecer**: nós somos o texto. São Paulo: NICA-USP, 2002.

MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5.ed. Campinas-SP: Papirus, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.